

O CONTEXTO FILOSÓFICO DO PENSAMENTO DE BARNEY GLASER

--

THE PHILOSOPHICAL CONTEXT OF BARNEY GLASER'S THOUGHT

José Luís BRAGA
Instituto de Estudos Superiores de Fafe, Portugal
josebraga@iesfafe.pt

Resumo

Esta obra fundacional da Grounded Theory (GT), intitulada *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*, ainda que tenha constituído uma “pedrada no charco” do panorama sociológico da década de 1960, descurou o estabelecimento dos alicerces filosóficos em que se fundaria a nova metodologia. Barney Glaser, cofundador da GT, desvalorizou reiteradamente a argumentação relativa à perspetiva filosófica subjacente a esta abordagem metodológica. De facto, o sociólogo norte-americano considera que adotar uma perspetiva deste tipo reduz o amplo potencial da GT. Acresce que o teor da linguagem que emprega quando fala de emergência no processo simultâneo de recolha e análise de dados – tal como sucede em fases ulteriores de análise, quando refere que emerge uma categoria central – conduz a que determinados autores refiram que perfilha um paradigma pós-positivista. Este vazio filosófico concorreu para que se produzisse uma erosão e remodelação da GT por autores subsequentes, que aduziram explicações fragmentárias da ontologia, epistemologia e metodologia em que estaria radicada esta abordagem investigativa. A presente comunicação pretende fazer um mapeamento das principais influências filosóficas do pensamento de Barney Glaser. De facto, na esteira de Nathaniel, somos da opinião que é relevante identificar as bases filosóficas da GT porque o reconhecimento dos princípios, crenças e pressupostos filosóficos desta abordagem metodológica contribuirá para o robustecimento da estrutura, lógica e coesão da GT. Para Alvita Nathaniel, a GT Clássica é consentânea com a filosofia pragmatista de Charles Sanders Peirce, tanto com os seus pressupostos epistemológicos e ontológicos como com os princípios do método científico correspondentes. Julgamos, portanto, conveniente salientar as principais características desta perspetiva filosófica.

Palavras-chave: Grounded Theory, Pensamento Filosófico, História da Ciência, Pós-Positivismo

Abstract

This foundational work of Grounded Theory (GT), entitled *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*, even though it was a breakthrough in the sociological panorama of the 1960s, neglected the establishment of the philosophical foundations on which the new methodology would be based. Barney Glaser, cofounder of GT, repeatedly devalued the argument concerning the philosophical perspective underlying this methodological approach. In fact, the American sociologist considers that adopting such a perspective reduces the broad potential of GT. Moreover, the content of the language he uses when he speaks of emergence in the simultaneous process of data collection and analysis - just as it happens in later stages of analysis, when he mentions that a central category emerges - leads some authors to claim that he adopts a post-positivist paradigm. This philosophical vacuum has contributed to the erosion and remodelling of GT by subsequent authors, who have offered fragmentary explanations of the ontology, epistemology and methodology in which this investigative approach is rooted. The present paper intends to map the main philosophical influences of Barney Glaser's thought. In fact, in the wake of Nathaniel, we are of the opinion that it is relevant to identify the philosophical foundations of GT because the recognition of the principles, beliefs and philosophical assumptions of this methodological approach will contribute to the robustness of the structure, logic and cohesion of GT. For Alvita Nathaniel, Classical GT is consonant with Charles Sanders Peirce's pragmatist philosophy, both its epistemological and ontological assumptions and the

corresponding principles of the scientific method. We therefore consider it appropriate to highlight the main characteristics of this philosophical perspective.

Keywords: Grounded Theory, Philosophical Thought, History of Science, Post-Positivism

1. Introdução

A obra fundacional da GT, intitulada *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research* ainda que tenha constituído uma “pedrada no charco” do panorama sociológico da década de 60 descuroou, porém, o estabelecimento dos alicerces filosóficos em que se escoraria a nova metodologia¹. Na realidade, de acordo com Mills e Birks (2011), tais preceitos influenciam o modo como o investigador se relaciona com os participantes, i.e., o posicionamento que ele adota no estudo.

Barney Glaser (1998), cofundador da metodologia, desvalorizou reiteradamente a argumentação relativa à perspetiva filosófica subjacente à GT. De facto, o sociólogo norte-americano considera que adotar uma perspetiva deste tipo reduz o amplo potencial da GT. Acresce que o teor da linguagem que emprega quando fala de emergência no processo simultâneo de recolha e análise de dados – tal como sucede em fases ulteriores de análise, quando refere que emerge uma categoria central – leva a que determinados autores refiram que perfilha um paradigma pós-positivista.

Este vazio filosófico concorreu para que se produzisse uma erosão e remodelação (Glaser, 2003) da GT por autores subsequentes, que aduziram explicações fragmentárias da ontologia, epistemologia e metodologia em que estaria radicada esta abordagem investigativa.

Todavia, por que razão é importante identificar as bases filosóficas de uma metodologia de pesquisa?. Nathaniel (2011, 187) oferece uma tentativa de resposta:

“If carefully attended, the first principles, assumptions and beliefs of a given philosophy contribute the ontology and epistemology to a *methodology* and hold it together. This provides structure, logic, and cohesion. Methodology carries through to the *method*, which includes practical steps or procedures such as data gathering, coding, and analysis and also language, images, relationships, and meanings. Thus, the philosophy's assumptions and beliefs imbue the day-to-day practical application of the method and its eventual product. This engenders research that is ethical, logical, truthful, and cohesive – earmarks of good scholarship.”

A investigadora, de inspiração glaseriana, adiante refere que, quando carentes de bases filosóficas, tanto doutorandos como investigadores experimentados podem gerar teorias pouco coesas e desprovidas de lógica e serão mais suscetíveis de remodelar o método para que este se ajuste à sua mundividência.

¹ Concordamos com Birks e Mills (2011), quando estas autoras relevam a necessidade de entender a diferença entre uma metodologia e um conjunto de métodos. Uma metodologia decorre de uma filosofia congruente e é um conjunto de princípios e ideias que enformam um plano de investigação de determinado estudo. Os métodos, por seu turno, são procedimentos de índole prática utilizados para gerar e analisar os dados. Segundo as mesmas autoras, existe uma interação dinâmica que ocorre entre a metodologia e o método no processo de empreender uma pesquisa.

Posto isto, em seguida faremos uma breve incursão, sem pretensões de exaustividade, sobre a corrente filosófica que terá tido uma influência mais ou menos pronunciada na GT Clássica: o pragmatismo. O presente artigo está estruturado da seguinte forma: na seção 2 empreendemos uma revisão da literatura sobre o pragmatismo do filósofo norte-americano Charles Pierce e na seção 3 procedemos a uma reflexão sobre a influência do pragmatismo americano nos processos metodológicos da GT.

2. O pragmatismo de Charles Sanders Pierce

Nathaniel (2011) considera que a GT Clássica² é consentânea com a filosofia pragmatista de Charles Sanders Pierce, com os seus pressupostos epistemológicos e ontológicos e com os princípios do método científico correlativos³. Julgamos, portanto, conveniente salientar as principais características desta perspetiva filosófica.

2.1. As origens do pragmatismo

De todas as correntes filosóficas indígenas ou importadas, a mais afeita à cultura americana é o pragmatismo. Tal deve-se, desde logo, à sua génese – sem prejuízo de ser tributária do pensamento europeu – bem como aos princípios que regem as suas orientações fundamentais.

Não obstante, esta tendência conhecerá o seu ocaso com a Segunda Guerra Mundial. O declínio do pragmatismo será concomitante com a emergência do pensamento analítico no universo anglo-saxónico, consubstanciado pelo ascendente que as ideias de Frege, Moore, Russell e Wittgenstein ali exerceram, mormente a expansão do empirismo lógico, oriundo do Círculo de Viena, nos Estados Unidos (Cometti, 1995).

A história primitiva do pragmatismo confundiu-se com as ideias do seu fundador, Charles Sanders Pierce. Este filósofo nasceu em Cambridge, Massachusetts, em 1839. Por ser alheio ao mundo da academia, o pensador norte-americano foi secundarizado, em larga medida, pelos seus contemporâneos.

O pragmatismo foi, assim, cunhado por Pierce. O termo, de acordo com o seu autor, está intimamente ligado a um *experimentalismo* proveniente dos laboratórios científicos, que se acha, outrossim, na obra de filósofos como Kant, Berkeley e Spinoza.

² GT Clássica é a designação da metodologia GT na versão proposta por Barney Glaser.

³A autora defende esta conexão a despeito da afirmação de Glaser de que a GT Clássica é a-filosófica. Acresce que Gibson e Hartman (2014), embora congratulem a autora por ressaltar a necessidade de ser sensível aos sistemas filosóficos, alertam, igualmente, para os perigos das suas inferências, uma vez que nem Pierce nem o pragmatismo são invocados em *The Discovery of Grounded Theory*. Por outro lado, a mesma autora tenta encontrar uma posição filosófica que se ajuste a uma metodologia já existente, ao arrepio do que sói acontecer ao investigador comum que começa com um quadro filosófico (por exemplo, algumas considerações epistemológicas e ontológicas) sobre o qual, depois, erige a sua metodologia.

Pierce privilegia os ensinamentos que decorrem da ciência, «o pensamento racional concebe-se tendo por base os efeitos que estão ligados ao que uma *experiência* permite *observar*» (Cometi, 1995, 13).

2.2. A rejeição do cartesianismo

O termo cartesianismo é equívoco. Descartes fez uma tentativa audaz de reorganização do conhecimento humano, tendo sido esta empresa, ulteriormente, complementada pelos seus contemporâneos e sucessores em diversos sentidos.

O filósofo do *Discurso do Método* advogava que o conhecimento se alcançava através das ideias. Segundo Murphy (1995, 17), «as ideias adventícias, para Descartes, são imagens mentais, figurações mentais, isto é, figurações que estão em exibição num espaço interior chamado mente. Todo o pensamento tem ideias por objetos.» Possuir a ideia é crer que temos poder de introspeção – uma capacidade para deter o olho da mente nas ideias, no interior do nosso espaço mental, para determinar os conteúdos da mente; é assumir que somos depositários de uma aptidão intuitiva para discernir as ideias determinadas por outras ideias (Pierce designa-as “cognições mediatas” e distingue-as daquelas que o não são – “cognições intuitivas”, segundo o autor).

Pierce discorda de Descartes, argumentando, entre outras coisas, que não temos nenhuma destas apetências. Carecemos de poder de introspeção. Toda a nossa gnose do mundo interno é derivada da observação de factos externos. Igualmente, estamos desprovidos de poder de intuição para conhecermos a nossa própria existência.

O mesmo Pierce refere que Descartes – fundador da filosofia moderna e antagonista do pensamento escolástico anterior (que ele substituiu) – pode ser sumariamente enunciado da seguinte maneira:

- a) A filosofia deve ter início com a dúvida universal, ao passo que a escolástica nunca pôs em causa os fundamentos.
- b) O teste derradeiro da certeza deve ser achado na consciência individual. Por oposição, a escolástica jazeu sobre o testemunho das autoridades da Igreja Católica.
- c) O discurso multiforme medievo é comutado por uma cadeia única de inferência, dependendo, amiúde, de premissas inconspícuas.
- d) A escolástica admitia os mistérios da fé, mas procurou explicar todas as coisas criadas. Porém, existem muitos factos para os quais o cartesianismo não oferece qualquer explicação (Murphy, 1995, 19).

Pierce – que descobriu a abdução como terceiro modo essencial de inferência (a par da indução e dedução) – põe em contraste o espírito do cartesianismo com o que se poderia designar de espírito do experimentalismo, que é constituído pelos seguintes preceitos:

- a) Rejeição de que a filosofia deva ter início com a dúvida universal. Devemos começar com todos os nossos preconceitos; quando alguém tem uma dúvida autêntica, tem uma razão para duvidar. Está, então, em posição para indagar se essa razão é, ou não, uma boa razão para duvidar;
- b) Recusa de que o derradeiro teste de certeza deva ser descoberto na consciência individual. Pierce acrescenta que, nas ciências nas quais os homens chegam a acordo, quando se aduz uma teoria, ela é tomada como estando à experiência, até que esse acordo seja atingido. Depois de ser alcançado, a questão da certeza torna-se inútil, porque não quedaram dúvidas sobre ela na mente de ninguém. Prossegue Pierce: «nós, individualmente, não podemos, com razoabilidade, esperar atingir a filosofia última que perseguimos. Apenas a podemos procurar, portanto, para a *comunidade* dos filósofos» (Pierce cit. Murphy, 1995, 21). Murphy vislumbra neste postulado o gérmen da designada teoria limite da verdade, que Pierce consubstanciava num idealismo comunitário, que representa os pressupostos do método científico como, até um certo ponto, ditando a natureza da realidade.
- c) Contestação de que uma teoria filosófica deva ser uma única cadeia de inferência, como pretende Descartes. Para o pensador norte-americano, a filosofia devia emular as ciências bem-sucedidas nos seus métodos e, deste modo, «proceder apenas a partir de premissas tangíveis, que possam ser submetidas a escrutínio cuidadoso, e confiar mais na multiplicidade e variedade dos seus argumentos do que na conclusividade de qualquer um deles» (Murphy, 1995, 22).

2.3. O pragmatismo pierceano

A pedra-de-toque dos mais destacados ensaios de Pierce é atinente à *dúvida*: a dúvida enquanto fenómeno natural, a dúvida como estado que é comum a toda a gente. Prosseguimos com Murphy (1995, 35): «a dúvida é um estado de preocupação, irritante, de insatisfação. Não dá orientação para a ação, forma de proceder. E, portanto, lutamos para nos libertarmos dela, para adquirirmos um hábito de ação, para atingirmos um estado de crença.»

Pierce denomina essa contenda para transformar a dúvida em crença (ou descrença) de *inquérito*. Defende que a irritação suscitada pela dúvida é o único móbil imediato para se forcejar por alcançar a crença, e a fixação desta (o estabelecimento da opinião) o único desiderato do inquirido.

Ainda segundo o mesmo pensador (Murphy, 1995, 36), «a produção de crença é a única função do pensamento». A dúvida emerge, geralmente, a partir de alguma indecisão, mesmo que temporária, nas nossas ações. Tudo isto gera tensão. Deste modo, mitigar a dúvida é elidir a tensão. E é a própria dúvida que nos instiga a fazê-lo.

Pierce conclui (Murphy, 1995, 38): «o pensamento em ação tem por único motivo possível alcançar o pensamento em repouso, e o que quer que seja que não se refira à crença não é parte do pensamento em si». A crença tem três especificidades:

1. É algo de que estamos conscientes;

2. Mitiga a irritação suscitada pela dúvida; e
3. Implica a instituição, na nossa natureza, de uma regra de ação, um hábito. Posto que a crença aplaque a irritação da dúvida, o que constitui o único motivo para pensar, o pensamento atinge o repouso, pelo menos temporariamente, quando a crença é lograda.

Porém, não se conserva em repouso longamente – visto que a crença é uma regra de ação, a sua vida é a sua aplicação, e cada aplicação pode franquear a passagem a uma nova dúvida e, logo, a novo pensamento para a aquietar.

Pierce acrescenta:

“A ausência da crença reside na instauração de um hábito, e crenças diferentes distinguem-se pelos diferentes modos de ação a que dão origem. Quando as crenças não diferem neste aspeto, quando acalmam a mesma dúvida produzindo a mesma regra de ação, então as simples diferenças no tipo de consciência que delas temos não chegam para as tornar crenças diferentes, tal como tocar uma ária em tons diferentes não é tocar árias diferentes.”

(Cometti, 1995, 18).

Toda a utilidade do pensamento é produzir hábitos de ação e o que quer que esteja relacionado com um pensamento, mas sendo inútil para o seu propósito, é um acréscimo a este, mas não parte dele.

A filosofia da crença de Pierce difere de uma filosofia da *ideia*. O elo que une a crença a uma *regra de ação* e a coloca sob o comando de um princípio de individuação baseado nos diversos modos de ação que gera está no âmago do que aparta pragmatismo de cartesianismo (e do paradigma da *representação* a ele inerente)

Pierce diverge do cartesianismo através de uma reelaboração do conhecimento escorada numa redefinição da dúvida e da pesquisa, que tem por fito o estabelecimento de uma opinião.

Para uma teoria que concebe a investigação de acordo com um modelo de representação, a verdade ou as origens da verdade precedem sempre as tentativas que se destinam a alcançá-la. Ao invés, uma filosofia da investigação entende a verdade na sua conexão essencial com a investigação. Destarte, «a verdade não é um dado nem uma condição prévia do conhecimento, é sempre um *resultado*» (Cometti, 1995, 33).

Pierce prenuncia o racionalismo crítico e, embora as suas teses não sejam inteiramente convergentes com as de Karl Popper, para ambos uma teoria que não contemple a falsificação não pode lograr um estatuto científico. Remata Cometti (1995, 33):

“Longe da infirmitade, o carácter falível dos nossos conhecimentos é uma garantia de cientificidade. A racionalidade é processual por natureza, e testa-se pela sua capacidade de acolher novas hipóteses e as revisões que elas exigem se for esse o caso. Em Pierce esta convicção está estreitamente ligada à teoria da *investigação*, bem como à sua crítica da indução e às concepções que desenvolve em torno da *dedução*, *indução* e *abdução*.”

Pierce comungou, também, do realismo dos pensadores medievos, nomeadamente Duns Escoto, na rejeição liminar de todas as formas de nominalismo. Distingue-se, comumente, o realismo metafísico como a postura que consagra uma existência autónoma dos universais. Inversamente, para o nominalismo, somente existem indivíduos, e os universais apenas se acham na linguagem. Com a querela dos universais, que antagonizou Duns Escoto e Guilherme de Ockham, como pano de fundo, Pierce opina que todo o conhecimento só pode revestir-se de um estatuto transitoriamente definitivo. O que Pierce designa de nominalismo concerne a inclinação para pensar, imaginar ou pretender, de qualquer coisa que seja, a existência, para lá do conhecimento, de uma realidade que para sempre se lhe furta (Cometti, 1995).

Para o pensador pragmatista, a realidade com a qual as características conferidas à pesquisa e aos conhecimentos que dela decorrem entram em consonância é a que se acha no *epílogo* da investigação, de maneira que as soluções parciais que a constituem, sem prejuízo de referência à realidade, mantêm, sem embargo, o pendor falível que a própria investigação exige.

É patente em Pierce a sua valorização do método experimental, o método da ciência, senão vejamos (Murphy, 1995, 45):

“Assim, é o método da ciência. A sua hipótese fundamental, reformulada em linguagem mais familiar, é esta: há coisas Reais, cujos caracteres são inteiramente independentes da nossa opinião a respeito deles; tais Realidades afetam os nossos sentidos de acordo com leis regulares e, apesar das nossas sensações serem tão diferentes entre si quanto o são as nossas relações com os objetos, apesar disso, tirando vantagem das leis da percepção, podemos certificar-nos, pelo raciocínio, a respeito de como as coisas são real e verdadeiramente; e qualquer homem, se tiver experiência suficiente e raciocinar o suficiente sobre tais coisas, será conduzido à mesma conclusão Verdadeira. A nova concepção [*sic*] aqui envolvida é a de Realidade.”

Visando assimilar nitidamente este conceito de realidade, Pierce exorta-nos a empregar a máxima pragmática, segundo a qual:

“A realidade, como qualquer outra qualidade, consiste nos efeitos sensíveis peculiares que as coisas que nela tomam parte produzem. O único efeito que as coisas reais têm é causar crença, pois todas as sensações que elas excitam emergem na consciência sob a forma de crenças. A questão, portanto, é distinguir a crença verdadeira (ou crença no real) da crença falsa (ou crença na ficção). Como vimos, no último ensaio, as ideias de verdade e falsidade, no seu desenvolvimento pleno, pertencem exclusivamente ao método experimental de estabelecimento da opinião [...]. Assim é com toda a investigação científica. Mentes diferentes podem partir com os pontos de vista mais antagónicos, mas o progresso da investigação condu-los, por uma força situada no seu exterior, a uma e mesma conclusão. Esta atividade do pensamento pela qual somos conduzidos, não para onde desejamos, mas para uma meta pré-ordenada [*sic*], é como a operação do destino. Nenhuma modificação do ponto de vista tomado, nenhuma seleção de outros factos para estudo, nem mesmo nenhuma inclinação natural da mente podem prover um homem da capacidade de escapar à opinião predestinada. Esta grande esperança está incorporada na conceção de verdade e realidade. A opinião que está destinada a merecer o acordo de todos os que

investigam é que chamamos de verdade. O objeto representado nesta opinião é o real. Eis como eu explicaria o real.”

(Pierce cit. Murphy, 1995, 45-46).

Do exposto se conclui que uma crença verdadeira é aquela fadada a ser digna do entendimento final de todos os que investigam cientificamente. Ademais, todo o objeto representado numa opinião verdadeira é real.

O pragmatismo e o positivismo lógico apresentam pontos em comum: uma postura favorável à ciência; um desprezo votado à metafísica e uma pretensa conceção afim da *verificação*, bem como da reflexão sobre a linguagem. Todavia, no entender de Cometti (1995), estas afinidades de pensamento entre as duas correntes são ténues.

3. Discussão e notas finais

Quando Barney Glaser e Anselm Strauss descobriram a metodologia da GT, as suas carreiras de investigadores estavam, já, consolidadas. Não obstante, desde o início aqueles sociólogos manifestaram a sua dívida para com os seus mestres; todavia, nenhum dos dois dissertou acerca dos fundamentos filosóficos da GT.

Os académicos norte-americanos escreveram amiúde sobre as influências que exerceu na metodologia o curso de matemática qualitativa e quantitativa que Glaser realizou na Universidade de Columbia sob a direção de Paul Lazarsfeld; a formação em *explication de texte* que Glaser frequentou na Universidade de Paris; a aprendizagem de construção de teoria que o mesmo sociólogo empreendeu sob a direção de Robert K. Merton e o estudo do interacionismo simbólico por Anselm Strauss, sob os auspícios de Herbert Blumer (Gibson & Hartman, 2014).

Muitos dos processos-chave da metodologia estão arraigados nas matérias acima mencionadas. Estas, todavia, não podem ser imputadas como referencial filosófico primordial da GT. Nathaniel (2011) sustenta que a metodologia, na sua versão clássica, é perfeitamente consentânea com a obra de Pierce.

Muito frequentemente, o interacionismo simbólico é conotado como alicerce filosófico da GT Clássica. Não obstante, Barney Glaser considera esta perspetiva ontológica como uma entre muitas possíveis.

A ontologia reveste-se de importância, uma vez que a conceção que o investigador tem da natureza da verdade e da realidade determinam a maneira como o mesmo recolhe, analisa e apresenta os dados da pesquisa. A ausência de um referencial filosófico no livro *The Discovery of Grounded Theory* (Glaser & Strauss, 2008[1967]) deu azo à emissão especulativa de posições ontológicas associadas à GT. Ainda segundo Nathaniel (2011), estas insinuações podem ter tido quota-parte nos ensaios inconsistentes de remodelação da metodologia que outros autores propuseram. Estas sugestões de

clarificação do método produziram uma erosão da metodologia em rótulos antagónicos: realista, construtivista, realista crítico, objetivista, relativista, interacionista, positivista, pós-positivista e outros.

De facto, a metodologia furta-se a uma classificação deste tipo em razão do vazio ontológico que perpassa pelas obras seminais da GT Clássica. Sem embargo, Glaser reconhece que:

1. Existe uma realidade objetiva que pode ser observada;
2. Mediante as suas possibilidades, o investigador reúne dados a partir da perspetiva do participante da pesquisa; e
3. A GT evidencia os padrões latentes nos dados.

Do exposto em 1, conclui-se que Barney Glaser reconhece a existência de uma realidade objetiva que se acha apartada do investigador. Por outro lado, a elaboração de hipóteses e teorias pressupõe que existem padrões previsíveis que podem ser observados.

De acordo com a metodologia em apreço, um conceito (categoria) denota um padrão que pode ser diligentemente descoberto através da comparação constante de dados decorrentes da amostragem teórica até à saturação concetual de índices permutáveis (Nathaniel, 2011).

A heurística advém da comparação de inúmeros incidentes entre si, e entre estes e o conceito gerado, o que revela o padrão designado pela categoria e os sub-padrões que são as propriedades da categoria. Deste modo, «*GT is a form of latent structure analysis, which reveals the fundamental patterns in a substantive or formal area.*» (Glaser cit. Nathaniel, 2011, 193)

A GT emenda eventuais erros ou vieses através da comparação constante e da abstração, que contribuem para a depuração dos padrões latentes subjacentes.

Embora Glaser negue que a GT lida com realidade co-construída, o mesmo autor reconhece a importância de dados fundados na perspetiva do participante da pesquisa. Acresce que a GT visa compreender a principal preocupação e a sua resolução, tomando em conta o ponto de vista dos participantes (evidenciado pelas suas palavras e comportamento). O sociólogo norte-americano assevera que o investigador procura entender, de maneira objetiva, «o que está a acontecer» e, depois, conceptualiza-o.

De acordo com Nathaniel (2011), a epistemologia do pragmatismo e a GT Clássica são análogas, pois ambas:

- a) Se escoram na classificação e agrupamento de símbolos (indicadores) para compreender os conceitos;
- b) Reconhecem que cada pessoa compreende e interpreta os símbolos a partir da sua perspetiva singular;
- c) Propõem que a realidade pode ser conhecida idealmente, através do uso de um processo científico autocorretor;
- d) Utilizam a dedução, indução e abdução como um meio heurístico.

A semiótica de Pierce é, ainda de acordo com Nathaniel (2011), afim da GT – onde os índices são os pedaços empíricos com os quais os investigadores operam enquanto organizam, categorizam,

concretizam e conjecturam. Quando coerentemente agrupados, os índices definem e descrevem cada conceito e distinguem-no de outros. Através deles, compreendemos o conceito.

Tanto Barney Glaser como Charles Pierce integraram os três tipos de lógica (indução, dedução e abdução) para estabelecerem uma metodologia científica. Pierce definiu indução como a generalização a partir de um certo número de casos, dos quais algo é verdade e inferência de que essa mesma coisa é válida para uma classe inteira (Pierce cit. Nathaniel, 2011). A metodologia desenvolvida por Glaser começa com a indução. Na GT, a explicação é fundada em dados empíricos e aclarada por intermédio de um processo de comparação constante.

Glaser denominou este processo de método comparativo constante e designou-o como uma estratégia intelectual basilar da análise da GT. Tanto Glaser, quanto Pierce postulam que, no cerne da metodologia científica, está a capacidade de agrupar itens por similaridade. Esta agregação pode resultar em conceitos formais e pode ser utilizada para gerar hipóteses.

Ainda segundo a mesma autora (Nathaniel, 2011), na metodologia em questão, a teoria emerge à medida que o analista avança e recua, num processo reiterado de comparação constante dos dados empíricos. Este método promove a abstração formal e corrige dados de fraca qualidade, uma vez que aperfeiçoa a fundamentação de cada conceito.

Na GT, a indução sucede quando as observações empíricas conduzem à generalização e concretização como fulcro da elaboração de teoria.

De acordo com Pierce, a abdução é motivada pela sensação de que é necessária uma teoria para explicar factos inusitados. A abdução persegue uma teoria, neste caso, o exame dos factos sugere as hipóteses (Nathaniel, 2011). Na GT, à medida que os conceitos e processos emergem, o investigador avança hipóteses putativas; este processo designa-se de abdução. Este tipo de raciocínio lógico é essencial para a GT, uma vez que se conjugam hipóteses correlacionadas para estabelecer uma teoria.

No entender de Alvita Nathaniel, ambos, Glaser e Pierce, privilegiam a abdução como a única maneira de desvelar novo conhecimento. As ideias do primeiro acerca da emergência são semelhantes à seguinte afirmação de Pierce (cit. Nathaniel, 2011, 196): «*Abduction makes its start from facts, without, at the outset, having any particular theory in view, though it is motivated by the feeling that a theory is needed to explain the surprising facts*». Para ambos os autores, os conceitos emergem a partir dos dados empíricos, que sugerem hipóteses e, ulteriormente, têm como corolário a teoria.

Dedução é o processo pelo qual se extraem conclusões relativas aos fenómenos observáveis que devem ser esperados se as hipóteses aventadas estiverem corretas. Glaser serve-se da dedução para completar a teoria. À medida que a teoria começa a emergir (através de um processo de abdução), o investigador pode surpreender lacunas na teoria. Por via de um raciocínio dedutivo, o teorizador pode fazer inferências atinentes à direção que a recolha de dados subsequente deve tomar. Portanto, para Glaser, a dedução orienta o investigador na direção mais correta para complementar a sua pesquisa e, posteriormente, rematar a teoria, dotando-a dos factos relevantes.

À guisa de conclusão, tanto Pierce como Glaser entendiam que, independentemente de onde as diversas pesquisas começassem, se observassem escrupulosamente a metodologia, os resultados que obteriam iriam estar em linha, e que investigações suplementares tenderiam a corrigir os resultados.

Bibliografia

- BIRKS, M., & MILLS, J. (2011). *Grounded Theory: A practical guide*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications Inc.
- COMETTI, J. (1995). *A Filosofia sem privilégios: Desafios do pragmatismo*. Porto: Edições Asa.
- GIBSON, B., & HARTMAN, J. (2014). *Rediscovering Grounded Theory*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- GLASER, B. (1998). *Doing Grounded Theory: Issues and discussions*. Mill Valley: Sociology Press, 1998a.
- GLASER, B. (2003). *The Grounded Theory perspective II: Description's remodeling of Grounded Theory methodology*. Mill Valley: Sociology Press.
- GLASER, B., & STRAUSS, A. (2008 [1967]). *The discovery of Grounded Theory: Strategies for qualitative research*. New Brunswick: Aldine Transaction. 3ª Reimp.
- MURPHY, J. (1995). *O pragmatismo: De Pierce a Davidson*. Porto: Edições Asa.
- NATHANIEL, A. (2011). *An integrated philosophical framework that fits Grounded Theory*. In: V. Martin, & Gynnild, A. (Eds.), *Grounded Theory: The philosophy, method and work of Barney Glaser*. Boca Raton, FL: Brown Walker Press, pp. 187-200.